

# Para uma escola do futuro\*

por Vilém Flusser

## RESUMO

Contribuição à mesa redonda sobre “Arte e Tecnologia”, realizada no Centre National de la Recherche Scientifique, Marseille, em abril de 1982.

## PALAVRAS-CHAVE

Schole (escola); educação; tecnologia; cultura, ciência e política.

## ABSTRACT

Contribution to the round table about “Art and Technology”, which happened in the Centre National de la Recherche Scientifique, Marseille, in April of 1982.

## KEYWORDS

Schole (School); education; technology; culture, science and politic.

4

A escola em sentido clássico e etimológico, (“*schole*”), é lugar de contemplação das idéias, da teoria.

Segundo antropologia subjacente à tal definição, três são as posições acessíveis ao homem: (1) a econômica, lugar do eterno retorno das aparências enganadoras; (2) a política, lugar da produção de obras por aplicação de idéias sobre aparências; e (3) a escola, lugar de contemplação das ideais imutáveis.

Segundo tal antropologia, o homem seria ente caído do céu das idéias, sobre a natureza das aparências, ente que ao cair atravessou o rio do esquecimento.

Na economia continua ele esquecido das idéias, “privado” delas, “idiota”. Gira em roda: cozinha para comer e come para cozinhar, nasce para morrer e morre para renascer. Na política, passa a lembrar-se das idéias e as aplica



às aparências: torna-se artesã e artista. Na escola dá ele as costas às aparências e contempla a ordem lógica das idéias: torna-se filósofo, vê a verdade, a bondade e a beleza.

A vida econômica é absurda, a política é erro. A primeira é absurda, porque o retorno do sempre idêntico não tem sentido. A segunda é erro, porque idéias aplicadas é idéia deturpada: contemplar a idéia do sapato aplicada ao couro é cair em erro, já que o couro deformou a idéia. Apenas a vida contemplativa traz sabedoria.

Não obstante, economia e política se justificam. A economia, porque abre campo para a política, e a política, porque abre campo para a filosofia. Sem os idiotas que vivem economicamente, os artesões não disporiam de tempo livre para fazer suas obras. E sem artesões, os filósofos não poderiam comparar obras para mostrar o quanto são erradas as idéias que nelas transparecem.

Por isto, o estado platônico consiste em três camadas: a economia sustentando a política, e esta a filosofia. Os filósofos são os reis, porque são o propósito do Estado, que é o de trazer sabedoria.

Tal Estado platônico, se torna realidade na Idade Média sob a forma do feudalismo. Os servos econômicos sustentam os burgueses políticos, e estes sustentam a escola, os monges. Mas com a revolução burguesa tal pirâmide é transformada. Os burgueses assumem o governo, a escola passa a sustentar a política, a "arte". A escola não mais contempla teoricamente, mas faz teorias que sirvam à produção de obras. O propósito do Estado burguês não mais é sabedoria, mas atividade produtora.

A degradação da escola do primeiro para o segundo lugar na hierarquia existencial, é conseqüência de reformulação do conceito "teoria". Não mais contemplação de idéias imutáveis, mas elaboração de idéias aperfeiçoáveis. As idéias passam a ser moduláveis, manipuláveis, "modelos", cujo propósito é o de captar e modificar as aparências: conhecer é mudar o mundo. Destarte se estabelece a dialética, entre o mundo das aparências e o das teorias: aparências são observadas para fazer-se teorias, e teorias são feitas para fazerem-se observações novas. Tal dialética entre teoria e observação, passa a ser o método da ciência moderna. Método dinâmico, porque toda observação pode provocar uma teoria nova, e toda teoria uma observação nova. Tal dinâmica vai constituir o "progresso", esse característico do Estado burguês vitorioso.

Mas a reformulação do conceito "teoria", não apenas inicia o progresso, e não apenas desagrada a escola, mas produz também a técnica enquanto nova forma de vida.

Toda teoria nova exige método de aplicação novo, técnica nova. E toda técnica nova pode provocar nova teoria. Tal segunda dialética, entre técnica e teoria, se



EDITH FLUSSER

sobrepõe sobre a dialética observação-teoria, o que torna ainda mais dinâmico o progresso. A técnica muda radicalmente a vida, a ponto de podermos afirmar que somos entes diferentes dos que existiram antes da revolução burguesa.

A escola burguesa reflete tal mudança ao dividir-se em três níveis. Em nível primário, lugar de adestramento para a vida econômica, da vida com máquinas e seu eterno retorno. Em nível secundário, lugar de preparação para a vida política, a que produz e distribui as obras. E em nível superior, lugar da elaboração das teorias e das técnicas que permitam a produção progressiva de obras. De modo geral, a escola em seus três níveis serve para que sejam produzidas obras.

Em tal sentido, toda escola burguesa é “politécnica”, e é a técnica que a caracteriza. Ora, a técnica é a atividade sem precedentes: aplicação de modelos teóricos isentos de valores. Por exemplo: de fórmulas matemáticas. Toda atividade prévia, visava aplicar modelos plenos de valores: melhorar o mundo. Tais modelos valorativos não mais se enquadram na dialética entre, técnica e teoria. São portanto eliminados do progresso. Destarte surge, entre outras disciplinas, a arte moderna. Arte moderna é atividade valorativa, não-progressiva, estranha à dinâmica burguesa, e vai formar um *ghetto*. E são instituídas “escolas de arte”, para isolar ainda melhor tal atividade. Mas a divisão da práxis pré-burguesa em técnica e arte vai ter conseqüências imprevistas.

O nível superior da escola burguesa é lugar de iniciação curiosa. O futuro cientista e técnico é lavado catarticamente de todos os valores, suas dimensões políticas, éticas e estéticas são amputadas, e apenas as estruturas da razão são conservadas. Destarte poderá ele elaborar modelos teóricos isentos de valor, aplicá-los objetivamente. O resultado é, de um lado, um mundo teórico vazio e inimaginável e, do outro lado, um mundo manipulado tecnicamente, de mais em mais absurdo. O progresso passa a ser a dialética entre tal mundo teórico e tal práxis absurda. Crise do Estado burguês e origem das propostas “alternativas”.

A crise se manifesta na teoria como crise do conhecimento objetivo. Não se conhece, nas aparências, senão a estrutura da razão teórica. Os pesados caem com aceleração geométrica, porque a razão tem estrutura geométrica. A crise se manifesta na técnica como crise de consciência. As modificações técnicas operadas no mundo têm conseqüências políticas e estéticas imprevisíveis. A crise se manifesta, nas artes, como crise existencial. Os artistas são eliminados da sociedade, desempregados natos, a não ser que se submetam à técnica para serem anti-artistas. E a crise



DIVULGAÇÃO

se manifesta na política, como crise de competência. Os modelos políticos (por exemplo: liberdade, igualdade, fraternidade), são incompetentes face ao progresso técnico, e os políticos serão substituídos por tecnocratas.

A revolução burguesa, se funda sobre reformulação do conceito clássico de “teoria”, e a crise da burguesia não pode senão resultar em nova reformulação de tal conceito. Em outros termos: em reformulação da escola. As atuais tendências para escolas alternativas são sintomas da revolução pós-industrial, pós-burguesa, pela qual estamos passando. De modo geral, duas tendências podem ser distinguidas.

A primeira, visa prosseguir na direção precedente, mas fazê-lo conscientemente. O progresso técnico permitirá, em futuro previsível, deslocar o trabalho, essa aplicação de modelos às aparências, do homem para máquinas automatizadas. Os homens destarte emancipados do trabalho disporão de lazer, em grego: *schole*. Passarão a viver a maior parte de suas vidas na escola. Até a idade de 21 anos, depois dos 60, durante 6 semanas anuais, (as das férias), durante todas as horas da semana salvo 35, e durante a vida ativa para serem reciclados. A vida fora da escola, será interrupção da escola. O progresso técnico permitirá, ainda, armazenar as informações disponíveis em memórias artificiais, e a elaborar informações novas por métodos automáticos. Isto emancipará o homem da necessidade de aprender guardar informações, e da necessidade de elaborar informações novas. A escola não mais será lugar de ensino e de elaboração de dados. A escola alternativa, será o lugar no qual inteligências

artificiais serão programadas para que façam funcionar máquinas automatizadas.

Analisando tal escola, verificamos que se trata de nova degradação da escola na hierarquia. Os programas elaborados em tal escola, não sustentarão a produção, como o fazem as teorias da escola burguesa, mas sustentarão o consumo. A escola não mais servirá à política, mas à economia. Uma economia de consumo de informações ilimitadas. Pois tal situação pós-industrial foi prevista por Platão: os idiotas, os escravos serão os reis, e terá se instaurado o totalitarismo, isento de valores, da tecnocracia.

A outra tendência rumo à escola alternativa, repousa sobre nova antropologia. A escola clássica repousa sobre antropologia segundo a qual o homem é ente caído do reino das idéias. A escola burguesa sobre antropologia segundo a qual o homem é ente munido de alma. Tal alma permitiria ao homem transcender a natureza e vê-la de fora, objetivamente. A nova antropologia nega ao homem tal possibilidade. Para ela, o homem é ente sempre mergulhado no mundo, quer vivencie o mundo, quer o conheça, quer o modifique. Todo ato humano, e toda experiência humana, é ato e experiência existencial: simultaneamente epistemológico, ético e estético. Conhecimento objetivo, (teórico no sentido burguês), é

impossível e seria indesejável. O termo “teoria” deve ser reformulado. Reformulada a escola.

Toda teoria válida deve servir ao conhecimento do homem integral, do estar-no-mundo inteiro. Deve ter aspectos éticos e estéticos, não apenas os do conhecimento dito “puro”. Os modelos de tal futura teoria, devem refletir os conhecimentos, os valores éticos, políticos e estéticos da sociedade. E toda aplicação de tais modelos, deve visar a modificar o mundo em função do homem. A escola alternativa, deve ser lugar da elaboração e aplicação de tais modelos.

Praticamente, isto significa a superação da separação entre ciência, política e arte. Fazer com que as escolas científicas, politécnicas coincidam com as escolas filosóficas e as de arte. Que os técnicos sejam novamente artistas, os artistas técnicos, e que ambos sejam politicamente responsáveis. Que a teoria seja constantemente adubada pela vivência concreta, e esta pela teoria. Tal escola seria lugar de sabedoria em sentido platônico, com a diferença que todos seriam reis, e as máquinas seriam os idiotas.

Engajar-se na segunda tendência é engajar-se na superação da crise em prol da sociedade e homens novos.

## BIOGRAFIA

O filósofo Vilém Flusser nasceu em Praga, em 1920. Chegou ao Brasil em agosto de 1940, na cidade do Rio de Janeiro. Foi professor na FAAP entre 1967 e 1972 nas Faculdades de Artes Plásticas e Comunicação, e foi patrono da primeira turma da FACOM-FAAP, em 1971. Publicou os livros *Língua e Realidade* (1963), *A história do Diabo* (1965), *Da religiosidade* (1967), *La force du quotidien* (1972), *Le monde codifié* (1972), *Pós-História* (1983), *Filosofia da caixa-preta* (1985 e 2002), *A dúvida* (1999), entre muitos outros. Retornou à Europa em 1972, desencantado com o projeto político do país. Faleceu em Praga em 1991.

O texto *Para uma escola do futuro*, agora publicado em língua portuguesa, foi uma contribuição de Vilém Flusser para a mesa redonda sobre “Arte e Tecnologia”, realizada pelo *Centre National de la Recherche Scientifique*, na cidade de Marseille, em abril de 1982. Flusser me cedeu uma cópia do texto com a finalidade de publicá-lo, já que seu objetivo era ampliar essa discussão o máximo possível. Na década de 80, ele visitava com regularidade o Brasil e sempre marcava presença na FAAP para palestras e oficinas com professores. Nessa época tive a oportunidade de acompanhá-lo, em diversas ocasiões, ora à Bienal ora à Escola Politécnica da Usp. Passado mais de 20 anos, reencontrei o texto e ao relê-lo me surpreendi com sua atualidade e resolvi homenageá-lo publicando-o na *Revista Facom*. Flusser foi um orador brilhante, um teórico polêmico e instigante, um professor cativante. Esse texto explosivo e aparentemente fragmentado é uma espécie de colaboração tardia de seu pensamento original que seguramente nos fará refletir sobre os paradigmas da educação acadêmica.